

PALAVRAS, SIGNIFICADOS E CONCEITOS O SIGNIFICADO LEXICAL NA MENTE, NA CULTURA E NA SOCIEDADE

Augusto Soares da Silva

RESUMO

Este estudo apresenta um mapa conceitual da Semântica Lexical e uma breve ilustração descritiva a partir de alguns dos nossos estudos de caso lexicológicos e semânticos do português. No quadro teórico da Linguística Cognitiva, argumentaremos sobre a natureza conceitual, dinâmica e enciclopédica do significado lexical a partir de três perspectivas interligadas: significado na mente (focando o fenômeno da polissemia), significado na cultura (evidenciando as especificidades culturais dos conceitos lexicais) e significado na sociedade (mostrando os significados sociais da variação lexical).

PALAVRAS-CHAVE: significado lexical, Semântica Lexical, Semântica Cognitiva

1. Introdução

O objetivo principal deste estudo é identificar as principais facetas e características do significado das palavras ilustrando-as com sínteses de alguns dos nossos estudos de caso lexicológicos e semânticos. A perspectiva teórica é a da Linguística Cognitiva¹ e, mais especificamente, a da Semântica Cognitiva. Procuraremos evidenciar a natureza conceitual, dinâmica

¹ GEERAERTS, Dirk & CUYCKENS, Hubert (eds.). *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*. Oxford/New York: Oxford University Press, 2007.

e enciclopédica do significado lexical. Ao mesmo tempo, argumentaremos que os processos cognitivos subjacentes ao significado das palavras possuem uma dimensão social e cultural, por vezes subestimada na perspectiva cognitiva da linguagem. Essas características do significado lexical são extensivas ao significado linguístico em geral, pelo que o que dizemos sobre o significado lexical valerá também para o significado construcional.

Começaremos por delinear o mapa conceptual da Semântica Lexical, orientado para a identificação e distribuição dos vários fenómenos semasiológicos e onomasiológicos da estrutura e do funcionamento semânticos do léxico, e incluiremos uma breve explicitação dos contributos das principais teorias semântico-lexicais. Segue-se a descrição de três áreas do significado das palavras que só teórica e metodologicamente podem ser separadas: (i) significado na mente, focando o fenómeno fundamental da polissemia e os processos cognitivos que a determinam, sem serem dela exclusivos, tais como protótipos, metáfora, metonímia e esquemas imagéticos; (ii) significado na cultura, evidenciando as especificidades culturais dos significados das palavras, mesmo daquelas que representam conceitos que aparentam ser universais e (iii) significado na sociedade, mostrando o papel sociocognitivo dos estereótipos e das normas semânticas e os significados sociais da variação lectal. Os estudos de caso, de que apresentaremos apenas os resultados principais, incluem o verbo *deixar*, os sufixos diminutivo e aumentativo, o marcador discursivo *pronto*, o conceito de causa, as metáforas da atual crise financeira e palavras do futebol e do vestuário permitindo medir convergência e divergência entre português europeu e português brasileiro.

2. Mapa conceptual da semântica lexical

Para podermos identificar o que existe semanticamente numa palavra, precisamos de estabelecer o mapa da semântica lexical. Tal mapa deve assentar em, pelo menos, duas distinções fundamentais. A primeira distinção dá-se entre *semasiologia* e *onomasiologia* – distinção bem estabelecida na tradição continental da semântica estrutural,² mas quase desconhecida na tradição anglo-saxónica: a semasiologia toma como ponto de partida a palavra para analisar os diferentes

² BALDINGER, Kurt. "Sémasiologie et onomasiologie". *Revue de Linguistique Romane* 28: 249-272, 1964.

sentidos nela associados, ao passo que a onomasiologia toma o conceito como ponto de partida e investiga as diferentes palavras ou outras expressões que o designam. Dito de outro modo, trata-se da distinção entre *significação* e *nomenclatura*: enquanto a semasiologia faz a descrição dos vários sentidos de uma palavra ou outra expressão, a onomasiologia analisa as expressões alternativas pelas quais determinado conceito ou função é nomeado(a). A segunda distinção é a que opõe os aspectos de ordem estrutural ou *qualitativos* (entidades e suas relações) aos aspectos funcionais do uso ou *quantitativos* (diferenças de saliência) das estruturas lexicais tanto semasiológicas como onomasiológicas. A Figura 1, adaptada de Geeraerts³, representa os quatro pólos do mapa da semântica lexical. Podem ainda ser incluídas mais duas distinções: a distinção entre a dimensão *sincrónica* e a dimensão *diacrónica* e a distinção entre significado *denotacional* (ou *referencial*) e significado *não-denotacional* (*não-referencial*).

	QUALIDADE: entidades e relações	QUANTIDADE: diferenças de saliência
SEMASIOLOGIA	sentidos (polissemia) e suas relações (metáfora, metonímia, generalização, especialização)	prototipicidade (centro vs. periferia)
ONOMASIOLOGIA	itens lexicais e suas relações (campos lexicais, taxionomias, quadros, hiponímia, meronímia, sinonímia, antonímia)	diferenças de saliência entre categorias, incrustamento e nível básico

Figura 1. Mapa conceptual da semântica lexical

A semasiologia qualitativa tem a ver com a polissemia e os mecanismos de associação de sentidos de uma palavra, como metáfora, metonímia, generalização e especialização. Por outro lado, a semasiologia quantitativa estuda efeitos de prototipicidade, tais como diferenças de saliência e de importância estrutural dentro de uma palavra ou de um significado.

³ GEERAERTS, Dirk. “The theoretical and descriptive development of Lexical Semantics”. In: Leila Behrens & Dietmar Zaefferer (eds.), *The Lexicon in Focus. Competition and Convergence in Current Lexicology*, Frankfurt/Berlin: Peter Lang, 2002, p. 35.

A onomasiologia qualitativa trata de estruturas lexicais, entre as quais estão os campos lexicais, as hierarquias lexicais e os quadros (“frames”), e ainda das relações semânticas entre itens lexicais, como hiponímia, meronímia, sinonímia e antonímia. Por outro lado, a onomasiologia quantitativa estuda as diferenças de saliência entre categorias, isto é, as categorias de nível básico e o incrustamento conceptual (“entrenchment”) entre categorias. A onomasiologia tanto qualitativa como quantitativa inclui ainda uma área mais recente de investigação, designada *onomasiologia pragmática*, que estuda a escolha que os falantes têm que fazer de uma expressão particular para designar determinado conceito ou referente.

A Figura 2 sintetiza os contributos das principais tradições de investigação semântica para o desenvolvimento da semântica lexical.

	QUALIDADE: entidades e relações	QUANTIDADE: diferenças de saliência
SEMASIOLOGIA	<i>Semântica Histórico-Filológica</i> : mecanismos de mudança semântica <i>Semântica Neo-Generativa</i> : polissemia regular <i>Semântica Cognitiva</i> : polissemia	<i>Semântica Cognitiva</i> : teoria do protótipo
ONOMASIOLOGIA	<i>Semântica Estrutural</i> : campos lexicais, relações lexicais, relações sintagmáticas <i>Semântica Cognitiva</i> : quadros, metáforas e metonímias conceptuais	<i>Semântica Cognitiva</i> : nível básico e incrustamento

Figura 2. Contribuição das teorias semânticas para o desenvolvimento da semântica lexical

A Semântica Histórico-Filológica esteve centrada nos aspectos qualitativos da semasiologia (alguns fenómenos onomasiológicos também foram estudados, no contexto da classificação dos tipos de mudança semântica, mas não foram desenvolvidos). Na mesma direcção, a Semântica Neo-Generativa, designada-

mente a teoria do Léxico Generativo de Pustejovsky⁴ tem-se centrado no fenómeno da polissemia regular. A Semântica Estrutural ocupou-se dos fenómenos qualitativos da onomasiologia, muito tendo contribuído para o estudo de campos lexicais, relações lexicais de sinonímia, antonímia e hiponímia e relações lexicais sintagmáticas. A análise semasiológica esteve também presente, na forma da bem conhecida *análise componencial* (ou *análise sémica*), mas sempre em função de uma análise onomasiológica inicial. A Semântica Generativa (de Katz e Fodor) integra no programa generativo oficial estas três vertentes onomasiológicas. A Semântica Neo-Estrutural, particularmente a teoria da Metalinguagem Semântica Natural de Wierzbicka e o projecto WordNet focam também os fenómenos qualitativos da onomasiologia. O contributo da Semântica Formal é bastante limitado, dado o seu interesse principal pela semântica da frase. A Semântica Cognitiva focaliza os aspectos quantitativos das estruturas lexicais, prestando atenção, por um lado, a todas as formas de efeitos de prototipicidade no domínio semasiológico e, por outro lado, ao nível básico das hierarquias lexicais e outras formas de incrustamento conceptual no domínio onomasiológico. Mas não se limita aos aspectos quantitativos. Especificamente, podemos apontar quatro contributos maiores da Semântica Cognitiva para o estudo dos fenómenos semasiológicos e onomasiológicos do léxico: (i) estudo dos aspectos quantitativos tanto semasiológicos como onomasiológicos, ausente nas outras teorias semânticas; (ii) o enorme impacto de modelos descritivos como o modelo da *rede radial*⁵ e o modelo da *rede esquemática*⁶ no estudo da polissemia; (iii) investigação sobre a metáfora e a metonímia generalizadas⁷, não só no domínio semasiológico mas também no domínio onomasiológico (na medida em que as metáforas e metonímias conceptuais envolvem conjuntos onomasiológicos de expressões metafórica e metonimicamente relacionadas) e (iv) o desenvolvimento da semântica dos quadros (“frames”) de Fillmore⁸.

⁴ PUSTEJOVSKY, James. *The Generative Lexicon*. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1995.

⁵ LAKOFF, George. *Women, Fire, and Dangerous Things: What Categories Reveal about the Mind*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

⁶ LANGACKER, Ronald W. *Foundations of Cognitive Grammar*. Vol. 1: *Theoretical Prerequisites*. Stanford: Stanford University Press, 1987.

⁷ LAKOFF, George & JOHNSON, Mark. *Metaphors We Live By*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

⁸ FILLMORE, Charles J. “Scenes-and-frames semantics”. In: Antonio Zampolli (ed.), *Linguistic Structures Processing*, Amsterdam: North-Holland Publishing Company, pp. 55-81, 1977.

Argumenta Geeraerts⁹, nos seus recentes estudos interpretativos sobre as teorias de Semântica Lexical, que o progresso dessa disciplina compreende dois desenvolvimentos maiores: um movimento teórico cíclico de *descontextualização* (semântica estrutural e semântica generativa) e *recontextualização* (semântica histórico-filológica e semântica cognitiva) e um movimento linear de *expansão descritiva* (da semasiologia qualitativa para a onomasiologia qualitativa e daí para os fenómenos quantitativos dos domínios semasiológico e onomasiológico). Enquanto o desenvolvimento teórico da Semântica Lexical envolve mudanças, oposições e até rupturas, o seu desenvolvimento empírico faz-se em termos de alguma complementaridade e acumulação. Efectivamente, a Semântica Cognitiva tem desempenhado um importante papel na recontextualização do léxico e da gramática e na expansão para os aspectos qualitativos dos fenómenos semasiológicos e onomasiológicos. Por outro lado, a perspectiva de estudo do significado com base no uso pode constituir um bom ponto de partida para uma convergência entre a semântica cognitiva e a análise distribucional de *corpus*.

3. Significado na mente: protótipos, metáfora, metonímia e polissemia

O significado linguístico é dinâmico e flexível. A categorização com base em protótipos (em oposição à teoria clássica da categorização alicerçada no postulado das “condições necessárias e suficientes”), a metáfora e a metonímia conceptuais, a variação contextual, a mudança semântica e o efeito estruturalmente conjuntural de tudo isto que é a polissemia são evidências do dinamismo e flexibilidade do significado. Vamos centrar a atenção no fenómeno semasiológico da polissemia. A polissemia coloca questões bastante complicadas. Eis os três maiores problemas da polissemia:¹⁰

⁹ GEERAERTS, Dirk. “The theoretical and descriptive development of Lexical Semantics”. In: Leila Behrens & Dietmar Zaefferer (eds.), *The Lexicon in Focus. Competition and Convergence in Current Lexicology*, Frankfurt/Berlin: Peter Lang, pp. 23-42, 2002. GEERAERTS, Dirk. *Theories of Lexical Semantics*. Oxford: Oxford University Press, 2009.

¹⁰ Ver TAYLOR, John R. “Polysemy’s paradoxes”. *Language Sciences* 25: 637-655, 2003, e SOARES DA SILVA, Augusto. *O Mundo dos Sentidos em Português: Polissemia, Semântica e Cognição*. Coimbra: Almedina, 2006.

- Quando é que dois usos de uma palavra representam significados diferentes? Quantos significados tem uma palavra? Esse é o problema *definicional* de diferenciação de sentidos.
- Como é que os diferentes significados de uma palavra estão relacionados? Como representar a estrutura da palavra polissêmica? Podemos utilizar o *modelo de rede* para a representar? Que modelo de rede utilizar: a rede radial ou a rede esquemática? Esses são os problemas *estruturais e representacionais* da polissemia.
- Que mecanismos geram novos sentidos e associam diferentes sentidos de uma palavra? Metáfora e metonímia? Haverá outros mecanismos? Esse é o problema *cognitivo* da polissemia.

Com base na nossa investigação sobre a polissemia, desenvolvida no enquadramento teórico da Linguística Cognitiva,¹¹ tentaremos propor algumas respostas a essas questões.

Uma das questões mais imediatas e problemáticas de análise semântica é saber quantos significados tem uma palavra. Poderemos determinar quantos significados diferentes tem uma palavra? Poderemos estabelecer uma distinção entre polissemia e monossemia, ou então entre polissemia e vagueza? Os vários testes de polissemia que têm sido propostos poderão resolver o problema básico de diferenciação de sentidos? A resposta é sempre negativa, por três ordens de razões. Primeiro, Gearererts e Tuggy¹² mostraram que os diferentes testes de polissemia podem conduzir a resultados diferentes em diferentes contextos. A solução não é procurar outros testes, mas entender que as inconsistências dos que existem são sinal da própria instabilidade da polissemia e da flexibilidade do significado. A ideia de critérios ou testes de diferenciação de sentidos, em si legítima, será errada enquanto esses testes forem tomados como critérios de diferenciação de sentidos estáveis. Segundo, a fronteira entre o plano dos sentidos e o plano dos referentes, bem como a fronteira entre polissemia e vagueza não é estável. Finalmente, basta fazer uma análise detalhada dos sentidos

¹¹ SOARES DA SILVA, Augusto. *O Mundo dos Sentidos em Português: Polissemia, Semântica e Cognição*. Coimbra: Almedina, 2006.

¹² GEERAERTS, Dirk. "Vagueness's puzzles, polysemy's vagaries". *Cognitive Linguistics* 4 (3): 223-272, 1993. TUGGY, David. "Ambiguity, polysemy, and vagueness". *Cognitive Linguistics* 4 (3): 273-290, 1993.

de uma palavra para concluir sobre a espantosa flexibilidade semântica das palavras, as nuances e adaptações que ocorrem em contextos específicos, a variabilidade e a mudança inevitáveis, a ausência de significados “essenciais” e a impossibilidade de reduzir o significado das palavras a algum núcleo essencial, isto é, a impossibilidade de definições “essencialistas”.

De onde vem esta flexibilidade do significado? Uma resposta imediata é dizer que o significado tem que representar o mundo e esse mundo é uma realidade em mudança. Novas experiências implicam que adaptemos as nossas categorias a transformações das circunstâncias e que deixemos lugar para nuances e casos desviantes. Uma resposta menos direta é reconhecer que a prototipicidade é um dos seus maiores efeitos, isto é, a polissemia ilustra três tendências do sistema cognitivo.¹³ Primeira, a densidade informativa: categorias prototípicas e polissêmicas permitem máxima informação com o mínimo esforço cognitivo. Segunda, a flexibilidade: o sistema categorial deve ser suficientemente flexível para se adaptar a novas circunstâncias. Terceira, a estabilidade estrutural: o sistema categorial só pode funcionar eficientemente se mantiver a sua organização geral por algum tempo, se não se alterar drasticamente sempre que uma nova informação tenha que ser incorporada. Os protótipos têm, assim, um duplo efeito, aparentemente contraditório: adaptamos a categoria a novos contextos (flexibilidade) e interpretamos novas realidades com base em conhecimento prévio (estabilidade).

Passemos aos problemas representacionais da polissemia. Face à flexibilidade do significado, podemos ou minimizar ou maximizar a polissemia. Minimizar a polissemia é *puxar o significado para cima* para encontrar o pretenso “significado essencial”, a definição ideal e para seguir a trajetória do desenvolvimento cognitivo e da atividade científica. Essa perspectiva minimalista e monossémica é assumida por muitos filósofos, psicólogos e linguistas.¹⁴ Mas a hipótese do significado unitário envolve um *preconceito monossémico*, designadamente a ideia de que o abstrato é o melhor, e a falácia da *generalidade*, na

¹³ Ver GEERAERTS, Dirk. “Where does prototypicality come from?”. In: Brygida Rudzka-Ostyn (ed.), *Topics in Cognitive Linguistics*, Amsterdam: John Benjamins, pp. 207-229, 1988, e GEERAERTS, Dirk. *Diachronic Prototype Semantics. A Contribution to Historical Lexicology*. Oxford: Clarendon Press, 1997.

¹⁴ Ver RUHL, Charles. *On Monosemy. A Study in Linguistic Semantics*. Albany: New York Press, 1989.

medida em que não há equivalência perfeita entre a abstração do linguista e a representação mental dos falantes. Além disso, a hipótese de sentidos unitários bastante esquemáticos pode não respeitar o requisito da distintividade onomasiológica ou condição de especificidade mínima. A alternativa é maximizar a polissemia, isto é, *puxar o significado para baixo*, para o nível dos usos contextuais específicos, psicologicamente mais reais, para o nível dos efeitos de prototipicidade. Essa perspectiva polissêmica é defendida pela maior parte dos semanticistas cognitivos. Mas podemos correr o risco da multiplicação de sentidos de uma palavra ou mesmo o risco do preconceito polissêmico. Um exemplo desse risco está nas diferentes análises da preposição inglesa *over* que têm sido propostas por vários autores da semântica cognitiva.

A solução é então puxar o significado tanto para cima, com vista a encontrar significados esquemáticos e outros fatores de coerência semasiológica, como para baixo, em ordem a dar conta da inevitável flexibilidade e variabilidade do significado. Dito de outro modo, é necessário procurar o significado esquemático de uma palavra, sem todavia o considerar como o significado essencial ou a condição necessária e suficiente, e ao mesmo tempo analisar os usos contextuais particulares, sem todavia exagerar as diferenças de sentido.

Outra questão representacional prende-se com os modelos propostos pela Linguística Cognitiva para descrever como os diferentes usos de uma expressão se ligam entre si. Existem dois modelos de rede semasiológica: a *rede radial*, introduzida por Lakoff¹⁵, e a *rede esquemática*, desenvolvida por Langacker¹⁶. Ambos permitem a identificação da estrutura baseada em protótipos e das relações metafóricas e metonímicas que ligam os diversos sentidos, mas o modelo radial focaliza a radialidade da estrutura, ao passo que o modelo esquemático introduz a dimensão hierárquica da esquematicidade. O modelo de rede radial descreve a estrutura da categoria na forma de um centro prototípico do qual emanam diversos sentidos mais ou menos próximos desse centro. O modelo de rede esquemática acrescenta ao modelo radial a dimensão taxionômica pela qual se passa do nível mais específico ao nível mais geral e abstrato. Desta forma, o modelo da rede esquemática combina protótipos e esquemas.

¹⁵ LAKOFF, George. *Women, Fire, and Dangerous Things: What Categories Reveal about the Mind*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

¹⁶ LANGACKER, Ronald W. *Foundations of Cognitive Grammar*. Vol. 1: *Theoretical Prerequisites*. Stanford: Stanford University Press, 1987.

Há ainda um outro aspecto das redes semasiológicas que requer explicitação: é a multidimensionalidade da estrutura semântica. A estrutura semântica de itens lexicais como a preposição *over*, por exemplo, tem que ser descrita como um espaço multidimensional, de co-variação de alterações semânticas a partir de diferentes dimensões. É a análise da multidimensionalidade estrutural o que, por vezes, falta em algumas descrições cognitivas de categorias polissêmicas, como a famosa preposição *over* (ver a análise multidimensional de Geeraerts¹⁷ sobre *over* em neerlandês).

Finalmente, atentemos nos problemas da identificação dos mecanismos cognitivos que associam os diferentes sentidos de uma palavra polissêmica. Metáfora e metonímia são dois mecanismos lexicogenéticos básicos de mudança semântica e polissemia, juntamente com a especialização e a generalização. Enquanto a metáfora envolve uma projeção de um domínio da experiência noutra distinto na base de uma relação mental de semelhança figurativa (por exemplo, a passagem do domínio da viagem para o domínio da vida), a metonímia envolve uma projeção dentro de uma matriz de domínios na base de uma relação mental de contiguidade (por exemplo, a passagem do subdomínio da pessoa Fernando Pessoa para o subdomínio da sua produção literária). Especialização e generalização são relações hierárquicas de, respectivamente, subordinação e superordenação semânticas. Principalmente a metáfora e a metonímia evidenciam uma outra característica do significado linguístico: a sua natureza enciclopédica e não-autónoma ou, por outras palavras, a sua natureza *corporizada* e experiencial.¹⁸

Uma questão que se põe é saber se existem outros mecanismos lexicogenéticos para além dos tradicionalmente conhecidos. Assim, a *inferenciação desencadeada*¹⁹ e a *subjectificação*²⁰ serão outros mecanismos de mudança

¹⁷ GEERAERTS, Dirk. "The semantic structure of Dutch *over*". *Leuvense Bijdragen* 81: 205-230, 1992.

¹⁸ LAKOFF, George & JOHNSON, Mark. *Metaphors We Live By*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980. LAKOFF, George & JOHNSON, Mark. *Philosophy in the Flesh: The Embodied Mind and its Challenge to Western Thought*. New York: Basic Books, 1999.

¹⁹ TRAUGOTT, Elizabeth Closs & DASHER Richard B. *Regularity in Semantic Change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

²⁰ TRAUGOTT, Elizabeth Closs. "On the rise of epistemic meanings in English: an example of subjectification in semantic change". *Language* 65: 31-55, 1989; LANGACKER, Ronald W. "Subjectification". *Cognitive Linguistics* 1 (1): 5-38, 1990; ATHANASIADOU,

semântica e polissemia ou serão especificações dos mecanismos já existentes? Traugott reconhece que ambos os processos participam do mecanismo de metonimização.²¹ A nível dos atos de fala, uma inferência é metonímica por definição.²² Mas a nível do significado proposicional pode também a metáfora emergir na forma de inferências desencadeadas. Quanto à subjectificação, o problema torna-se mais complexo. Será a subjectificação uma motivação ou um mecanismo de mudança semântica e, nesse último caso, será de natureza metonímica, metafórica ou outra? Na perspectiva de Langacker²³, podemos entender a subjectificação como um mecanismo de debilitamento ou atenuação de uma entidade ‘objectivamente’ construída e (o que faz parte do mesmo processo) de reforço da perspectiva subjectiva do locutor/conceitualizador.

Curiosamente, as relações conceptuais que se encontram semasiologicamente entre os sentidos de uma palavra existem também onomasiologicamente entre diferentes palavras. Em ambos os planos de análise semântico-lexical, podemos distinguir relações hierárquicas (onomasiologicamente: taxionomias, hiponímia/hiperonímia), relações baseadas na similaridade literal (onomasiologicamente: campos lexicais e sinonímia), relações baseadas na similaridade figurativa (onomasiologicamente: metáforas conceptuais) e relações baseadas na contiguidade (onomasiologicamente: quadros ou “frames”).

Vamos ilustrar o que argumentámos nesta seção com uma breve síntese dos significados do verbo *deixar*.²⁴ O verbo *deixar* exprime dois grupos de

Angeliki, CANAKIS Costas & CORNILLIE Bert (eds.). *Subjectification. Various Paths to Subjectivity*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2006.

²¹ TRAUGOTT, Elizabeth Closs & DASHER Richard B. *Regularity in Semantic Change*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 29, 2002.

²² Ver PANTHER, Klaus-Uwe & THORNBURG, Linda. *Metonymy and Pragmatic Inferencing*. Amsterdam: John Benjamins, 2003, e PANTHER, Klaus-Uwe. “The role of conceptual metonymy in meaning construction”. In: Francisco J. Ruiz de Mendoza & Sandra Peña Cervel (eds.), *Cognitive Linguistics: Internal Dynamics and Interdisciplinary Interaction*, Berlin/New York: Mouton de Gruyter, pp. 353-386, 2005.

²³ LANGACKER, Ronald W. “Subjectification”. *Cognitive Linguistics* 1 (1): 5-38, 1990.

²⁴ Uma análise detalhada encontra-se em SOARES DA SILVA, Augusto. *A Semântica de deixar. Uma Contribuição para a Abordagem Cognitiva em Semântica Lexical*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 1999 e SOARES DA SILVA, Augusto. “Image schemas and category coherence: The case of the Portuguese verb *deixar*”. In: Hubert Cuyckens, René Dirven & John R. Taylor (eds.), *Cognitive Approaches to Lexical Semantics*, Berlin/New York: Mouton de Gruyter, pp. 281-322, 2003.

sentidos em tensão homonímica: um significa ‘suspender a interação com o que se caracteriza como estático’ (complemento nominal) e o outro significa ‘não se opor ao que se apresenta como dinâmico’ (complemento verbal). O primeiro grupo está estruturado à volta do protótipo ‘abandonar’, ao passo que o segundo grupo se organiza à volta do protótipo ‘não intervir’. Onde é que está a coerência semântica interna do verbo *deixar*, capaz de impedir a homonímia entre os dois grupos?

Em primeiro lugar, a coerência semântica do verbo *deixar* reside numa estrutura multidimensional, representada na Figura 3. Além da dimensão da ‘construção (estática vs. dinâmica) do objeto’, existe a dimensão do ‘grau de atividade do sujeito’ (atitude ativa com/sem intervenção prévia vs. atitude passiva).

	ativamente		passivamente
	sem intervenção prévia	com intervenção prévia	
<i>deixar</i>I: ‘suspender interação com o que é estático’	1. ir embora 2. não levar consigo 5. abandonar 6. não alterar	4. fazer ficar depois de ter deslocado 8. fazer ficar depois de ter alterado 13. transferir posse 3. fazer ficar parte de si 7. fazer ficar parte de si	9. não se aproximar 10. não levar 11. não tomar 12. não alterar 14. não tomar em posse
<i>deixar</i>II: ‘não se opor ao que é dinâmico’	16. permitir (consentir, autorizar)	17. não mais impedir (largar, soltar, libertar)	15. não impedir

Quadro 1. Os significados de *deixar*

Em segundo lugar, a coerência semântica de *deixar* encontra-se também numa estrutura de transformações de *esquemas imagéticos*, isto é, padrões dos nossos movimentos no espaço, da nossa manipulação de objetos e de interações perceptivas, que emergem da experiência mais básica, como a nossa ati-

vidade sensório-motora e a nossa percepção de ações e de eventos.²⁵ Nos usos de *deixar*I, é o participante sujeito (P₁) quem realiza o movimento, ao passo que nos usos de *deixar*II é o participante objeto (P₂) que é construído como realizando um movimento. Os esquemas imagéticos que envolvem um sujeito ativo descrevem uma situação inicial em que P₁ e P₂ estavam em contato, ao passo que nos esquemas imagéticos com sujeito passivo P₁ e P₂ estavam separados e assim continuam. Os esquemas imagéticos de *deixar*I e *deixar*II são pois perfeitamente inversos. Tal fato evidencia a existência de uma *transformação de inversão* dos esquemas imagéticos das duas categorias. Essa transformação consiste na inversão do participante dinâmico (aquele que realiza o movimento): P₁ (o sujeito) em *deixar*I e P₂ (o objeto) em *deixar* II.

Em terceiro lugar, a coerência semântica do verbo *deixar* manifesta-se também em elaborações metafóricas e metonímicas dos esquemas imagéticos referidos. Os vários sentidos psico-sociais resultam de elaborações metafóricas do movimento (de afastamento e de não-aproximação) e de esquemas imagéticos de dinâmica de forças. A metonímia está presente, por exemplo, no desenvolvimento do sentido trivalente de ‘deixar algo num lugar’: esse sentido formou-se por *reanálise* de um uso contextual bivalente do protótipo diacrónico ‘x larga y (num determinado lugar)’ na estrutura trivalente ‘x deixa y num determinado lugar’. Essa reanálise envolve uma inferência metonímica: quando alguém se afasta de um lugar, distancia-se também das entidades que se encontravam nesse lugar.

Finalmente, os dois grupos de sentidos de *deixar* implementam um esquema de *dinâmica de forças*²⁶ semelhante: uma entidade mais forte, o Antagonista, codificado no sujeito do verbo, não exerce força que possa interferir na disposição natural de uma entidade focal, o Agonista.

Idêntica multidimensionalidade estrutural, idênticos efeitos de prototipicidade e idênticos mecanismos de mudança semântica e associação de

²⁵ Ver HAMPE, Beate (ed.). *From Perception to Meaning. Image Schemas in Cognitive Linguistics*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2005 e JOHNSON, Mark. *The Body in the Mind: The Bodily Basis of Meaning, Imagination, and Reason*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

²⁶ No sentido de TALMY, Leonard. “Force dynamics in language and cognition”. *Cognitive Science* 12: 49-100, 1988 e TALMY, Leonard. *Toward a Cognitive Semantics*. Vol. I: *Concept Structuring Systems*. Vol. II: *Typology and Process in Concept Structuring*. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 2000.

sentidos encontrámo-los noutras categorias polissémicas do português bem diversas, designadamente o sufixo diminutivo, o marcador discursivo *pronto*, o objeto indireto e a construção ditransitiva e a entoação descendente e ascendente.²⁷ Olhemos, muito brevemente, para a polissemia dos sufixos diminutivo e aumentativo e do marcador discursivo *pronto*.

O sufixo diminutivo (*-inho, -ito*) e o sufixo aumentativo (*-ão*), para além de atribuírem uma relação de tamanho às coisas, são meios linguísticos cognitiva e comunicativamente eficientes para a expressão de várias atitudes subjetivas e para a manipulação interpessoal. Os sentidos avaliativos e interacionais do diminutivo e do aumentativo surgiram de dois processos de *(inter)subjectificação*: por um lado, a gradual atenuação do ‘objeto’ de conceptualização em favor do aumento do papel do ‘sujeito’ de conceptualização e, por outro lado, o aumento gradual de coordenação cognitiva intersubjectiva (locutor e interlocutor) relativamente a um objeto de conceptualização. Além disso, os sentidos não-denotacionais do diminutivo e do aumentativo envolvem conceptualizações metafóricas e metonímicas. Por exemplo, os sentidos apreciativos e depreciativos do diminutivo e do aumentativo envolvem dois pares de metáforas conceptuais:²⁸

- PEQUENO É POSITIVO (amável, agradável) e PEQUENO É NEGATIVO (sem importância, desagradável)
- GRANDE É POSITIVO (importante, majestoso) e GRANDE É NEGATIVO (perigoso, desagradável)

Essas metáforas culturais são metonimicamente desencadeadas através de inferências ligadas aos modelos cognitivos do controle e do custo-benefício e intimamente conectadas à nossa experiência de interação com as coisas pequenas e grandes. Neste sentido, os sentidos apreciativos e depreciativos podem

²⁷ Estes estudos encontram-se reunidos em SOARES DA SILVA, Augusto. *O Mundo dos Sentidos em Português: Polissemia, Semântica e Cognição*. Coimbra: Almedina, 2006.

²⁸ Ver SOARES DA SILVA, Augusto. “Size and (inter)subjectification: the case of Portuguese diminutive and augmentative”. Comunicação apresentada no *4th International Conference “New Reflections on Grammaticalization”*, Universidade Católica de Lovaina, 16-19 Julho 2008 e RUIZ DE MENDOZA, Francisco. “El modelo cognitivo idealizado de tamaño y la formación de aumentativos y diminutivos en español”. *Revista Española de Lingüística Aplicada*. Volumen monográfico, pp. 355-373, 2000.

ser descritos também como extensões metonímicas dos sentidos denotacionais de ‘pequenez’ e ‘grandeza’: algo pode ser amável ou insignificante justamente porque é pequeno e algo pode ser importante ou perigoso justamente porque é grande.

Os sentidos ‘aproximativo’ e ‘relativizador’ do diminutivo resultam da metáfora INCOMPLETO E MARGINAL SÃO PEQUENOS. Por sua vez, o diminutivo ‘intensificador’ (um aparente paradoxo) é uma extensão metonímica: focalizar um grau maior é reduzir uma região extensa e vaga a um ponto e diminuir a distância deíctica a esse ponto; por outras palavras, é reduzir a(s) propriedade(s) de um objeto ou de um processo a um núcleo ou uma essência.

Os diversos usos pragmático-discursivos de *pronto* resultaram de um processo recente de gramaticalização do adjetivo *pronto* (‘terminado’, ‘preparado’) e estão metonímica e metaforicamente relacionados com dois esquemas imagéticos e suas implicações em diferentes domínios cognitivos e comunicativos: de um lado, a imagem ‘retrospectiva’ de processo terminado, a que estão associados os usos conclusivo, de concordância, de fecho temático e de cedência de vez; do outro lado, a imagem ‘prospectiva’ de processo disponível, a que estão ligados os usos impositivo, explicativo, de abertura temática e de tomada de vez.²⁹

Como conclusão intermédia, podemos afirmar que a semântica de uma palavra não é um saco de sentidos, mas um potencial de significação prototípica, esquemática e multidimensionalmente estruturado.

4. O significado na cultura: especificidades culturais e históricas do significado

A base experiencial do significado é frequentemente entendida de um ponto de vista universalista, em termos de corporização (“embodiment”). Mas o significado tem origens especificamente culturais e históricas e, portanto, origens que não são universais. Crucialmente, os aspectos corporizados da mente, cognição, linguagem e significado estão situados num contexto sócio-cultural. Consequentemente, a *corporeidade* implica a *situacionalidade sócio-*

²⁹ Ver SOARES DA SILVA, Augusto (2006). “The polysemy of discourse markers: The case of *pronto* in Portuguese”. *Journal of Pragmatics* 38: 2188-2205.

cultural.³⁰ Por esta mesma razão, esquemas imagéticos, metáforas, metonímias etc. envolvem especificidades culturais.

Atentemos em conceitos fundamentais aparentemente universais que, não obstante, estão intimamente relacionados com a cultura. Os conceitos escolhidos são causa, verbos de percepção, partes do corpo e Deus. Falaremos também de um outro conceito bem diferente, nomeadamente o conceito económico da atual crise financeira. As descrições apresentadas a seguir são necessariamente muito sumárias.

‘Causa’ não é um conceito indecomponível ou primitivo semântico, mas uma construção mental fundamentada na experiência. Na cultura ocidental, CAUSAÇÃO É MOVIMENTO FORÇADO é a metáfora preferencial para a compreensão do conceito de causa.³¹ Na verdade, conceptualizamos metaforicamente causas como forças e causação em termos de movimento de uma entidade forçado por outra entidade, de um lugar para outro. Há, todavia, outras metáforas e outros modelos culturais de causa³², como os seguintes:

- CAUSAÇÃO É PRECEDÊNCIA TEMPORAL: a causa de um evento é o que (geralmente) precede esse evento; é por isso que preposições e conjunções de valor temporal são geralmente usadas também com significado causal: por exemplo, a conjunção e preposição do inglês *since* ou a preposição do português *segundo*.

³⁰ Ver elaborações teóricas e ilustrações descritivas em ZIEMKE, Tom, ZLATEV, Jordan & FRANK, Roslyn (eds.). *Body, Language, and Mind I: Embodiment*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2007; FRANK, Roslyn M., DIRVEN, René, ZIEMKE, Tom & BERNÁRDEZ, Enrique (eds.). *Body, Language, and Mind. Volume 2. Sociocultural Situatedness*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2008; e BERNÁRDEZ, Enrique. *El Lenguaje como Cultura*. Madrid: Alianza Editorial, 2008.

³¹ LAKOFF, George & JOHNSON, Mark. *Philosophy in the Flesh: The Embodied Mind and its Challenge to Western Thought*. New York: Basic Books, cap. 11, 1999.

³² Ver BERNÁRDEZ, Enrique. “Cultural determination of cause-effect. On a possible folk model of causation”. *Circle of Linguistics Applied to Communication* 6. <<http://www.ucm.es/info/circulo/no6/bernardez.htm>>, 2001; BERNÁRDEZ, Enrique. *El Lenguaje como Cultura*. Madrid: Alianza Editorial, pp. 326-335, 2008; SOARES DA SILVA, Augusto. “Cultural determinations of causation”. In: Augusto Soares da Silva, Amadeu Torres & Miguel Gonçalves (eds.), *Linguagem, Cultura e Cognição: Estudos de Linguística Cognitiva*. Vol. I. Coimbra: Almedina, pp. 575-606, 2004; SOARES DA SILVA, Augusto. “Semântica e cognição da causação analítica em português”. In: Neusa Salim & Maria Cristina Name (orgs.), *Linguística e Cognição*. Juiz de Fora, Brasil: Universidade Federal de Juiz de Fora, pp. 11-47, 2005.

- CAUSAÇÃO É COMPANHIA: a causa de um evento é o principal fenômeno que ocorre com esse evento: por exemplo, o sol é a causa da luz. Ou então: a causa é algo que acompanha alguém ou uma outra coisa. É assim que a causa é conceptualizada no navajo.³³
- CAUSAÇÃO É POSSE E LOCALIZAÇÃO: a causa de um evento é o possuidor desse evento e a propriedade é localização: por exemplo, o sol tem luz.
- CAUSAÇÃO É PROGENITURA: a causa corresponde aos pais e o efeito ao filho.³⁴
- CAUSAÇÃO É CAMINHO: a causa prepara o caminho seguido por alguém ou por alguma coisa. É assim que a causa é conceptualizada no samoano.³⁵

O nosso modelo popular ocidental de causação subjacente às construções causativas analíticas como *fazer/make* + Inf. ou *deixar/let* + Inf. vê as causas como forças e a causação num cenário de *dinâmica de forças*³⁶, no qual uma entidade tem uma tendência natural e manifestá-la-á a menos que seja vencida por outra entidade mais forte. Além disso, esse modelo vê o mundo em termos de naturalidade das coisas e do curso dos eventos e a causação como intervenção (ou ausência de intervenção) no “curso natural das coisas”. Crucialmente, a ideologia subjacente às construções causativas analíticas caracteriza-se pelo postulado popular “As coisas estão como estão a menos que alguém interfira”.³⁷

³³ Ver BERNÁRDEZ, Enrique. *El Lenguaje como Cultura*. Madrid: Alianza Editorial, pp. 344-347, 2008.

³⁴ Ver TURNER, Mark. *Death is the Mother of Beauty: Mind, Metaphor, Criticism*. Chicago: University of Chicago Press, pp. 143-151, 1987.

³⁵ Ver BERNÁRDEZ, Enrique. *El Lenguaje como Cultura*. Madrid: Alianza Editorial, pp. 347-348, 2008.

³⁶ TALMY, Leonard. “Force dynamics in language and cognition”. *Cognitive Science* 12: 49-100, 1988 e TALMY, Leonard. *Toward a Cognitive Semantics*. Vol. I: *Concept Structuring Systems*. Vol. II: *Typology and Process in Concept Structuring*. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 2000.

³⁷ BERNÁRDEZ, Enrique. “Cultural determination of cause-effect. On a possible folk model of causation”. *Circle of Linguistics Applied to Communication* 6. <<http://www.ucm.es/info/circulo/no6/bernardez.htm>>, 2001; SOARES DA SILVA, Augusto. “Cultural determinations of causation”. In: Augusto Soares da Silva, Amadeu Torres & Miguel Gonçalves (eds.), *Linguagem, Cultura e Cognição: Estudos de Linguística Cognitiva*. Vol. I. Coimbra: Almedina,

Passemos aos verbos de percepção. Sweetser³⁸ sugere que a extensão que vai do significado de percepção visual para o significado de compreensão é interlinguisticamente dominante e mesmo universal. Mas, recentemente, Vanhove³⁹ mostra, no seu estudo tipológico acerca das origens dos verbos de percepção, que a associação semântica entre visão e cognição não é geograficamente universal: verifica-se somente na Europa e em algumas partes de África.

A experiência das partes do corpo é também culturalmente específica. A principal razão está no fato de que o que importa conhecer não são todas as partes do corpo, mas aquelas que são utilizadas em atividades de alguma importância e aquelas que podem ser afetadas por alguma doença. Bernárdez⁴⁰ mostra que no cha'palaachi (língua do Equador) os termos de partes do corpo dão mais importância às formas do que às próprias partes do corpo.⁴¹

A conceptualização de Deus e das divindades não é universal nem obedece a um conceito geral de um 'deus criador todo poderoso'. Os conceitos de Deus, deuses e divindades são, antes, construídos pelas culturas. São conceptualizações metafóricas ou baseadas no processo cognitivo de mesclagem conceptual: por exemplo, DEUS É PAI e DIVINDADE É FAMÍLIA, DEUS É AMIGO, DEUS É REI, DEUS É JUIZ, DEUS É VENTO na cultura navajo; e são diversas as metáforas associadas aos antigos deuses gregos e romanos e aos antigos deuses

pp. 575-606, 2004; SOARES DA SILVA, Augusto. "Imagery in Portuguese causation/perception constructions". In: Barbara Lewandowska-Tomaszczyk & Alina Kwiatkowska (eds.), *Imagery in Language. Festschrift in Honour of Professor Ronald W. Langacker*, Frankfurt/Main: Peter Lang, pp. 297-319, 2004; SOARES DA SILVA, Augusto. "Semântica e cognição da causação analítica em português". In: Neusa Salim & Maria Cristina Name (orgs.), *Linguística e Cognição*. Juiz de Fora, Brasil: Universidade Federal de Juiz de Fora, pp. 11-47, 2005.

³⁸ SWEETSER, Eve E. *From Etymology to Pragmatics. Metaphorical and Cultural Aspects of Semantic Structure*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

³⁹ VANHOVE, Martine. "Semantic associations between sensory modalities, prehension and mental perceptions: A crosslinguistic perspective". In: Martine Vanhove (ed.), *From Polysemy to Semantic Change. Towards a Typology of Lexical Semantic Associations*, Amsterdam: John Benjamins, pp. 341-370, 2008.

⁴⁰ BERNÁRDEZ, Enrique. *El Lenguaje como Cultura*. Madrid: Alianza Editorial, pp. 351-361, 2008.

⁴¹ Ver também os estudos reunidos em SHARIFIAN, Farzad, DIRVEN, René, YU, Ning & NIEMEIER, Susanne (eds.). *Culture, Body, and Language. Conceptualizations of Internal Body Organs across Cultures and Languages*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2008, sobre a conceptualização do coração e outros órgãos internos em diversas línguas e culturas)

germânicos.⁴² De fato, não parece haver ideia de Deus que não seja metafórica. Mesmo no Islão, cuja teologia procura despojar do conceito de Deus uma construção metafórica, Allah não deixa de ser conceptualizado como homem ou como rei e, portanto, em termos metafóricos. Estudos do recente campo de investigação de Estudos Cognitivos da Religião defendem a hipótese de que o fenómeno religioso é um produto evolutivo de outras capacidades cognitivas.⁴³

Finalmente, vejamos um conceito que infelizmente tem marcado a atualidade: a atual crise financeira e económica. Deixaremos apenas algumas observações retiradas do nosso estudo sobre as metáforas da crise financeira na imprensa portuguesa.⁴⁴ A análise de um *corpus* de notícias e artigos de opinião sobre a crise financeira mundial publicados em jornais portugueses nacionais e económicos, entre Setembro de 2008 e Março de 2009, mostra que há na imprensa portuguesa (e provavelmente também noutras imprensas ocidentais) três principais metáforas conceptuais que dão sentido a um fenómeno abstrato, complexo e difícil de entender como é a crise financeira:

- **CRISE É DOENÇA:** a crise financeira é um colapso cardíaco, é uma doença altamente contagiosa e epidémica, tem causas e agentes patológicos como os famosos “ativos tóxicos” e exige vários tipos de terapia e medicação;
- **CRISE É CATÁSTROFE:** a crise é, atmosféricamente, turbulência, tempestade, furacão, tornado, ciclone e, geologicamente, sismo, terramoto ou tsunami;
- **CRISE É INIMIGO:** a crise é um inimigo que ataca, fere e pode matar, o que exige declarações de guerra à crise, planos e estratégias de combate, em que ideias e medidas são armas ou bombas e planos são táticas militares.

⁴² BERNÁRDEZ, Enrique. *El Lenguaje como Cultura*. Madrid: Alianza Editorial, pp. 365-396, 2008.

⁴³ Ver, por exemplo, BOYER, Pascal (2003). “Religious thought and behaviour as by-products of brain function”. *TRENDS in Cognitive Sciences* 7 (3): 119-124.

⁴⁴ SOARES DA SILVA, Augusto. “O que sabemos sobre a crise económica, pela metáfora. Conceptualizações metafóricas da crise na imprensa portuguesa”. *Actas digitais do VI Congresso da Sociedade Portuguesa de Ciências da Comunicação (SOPCOM) / IV Congresso Ibérico*. Lisboa: Universidade Lusófona (CD-ROM) <http://conferencias.ulusofona.pt/index.php/sopcom_iberico/sopcom_iberico09/paper/viewFile/453/451>, 2009.

Essas metáforas orgânicas, naturais e bélicas fundamentam-se em esquemas imagéticos da experiência corpórea, como o esquema ‘dentro-fora’ (a crise é uma força que vem de fora para dentro do recipiente e invade a área delimitada), ‘em cima-em baixo’ (a crise é perda do equilíbrio, donde o colapso do sistema) e vários esquemas de ‘dinâmica de forças’ (a crise é uma força externa irresistível e destruidora e reagir à crise implica uma contra-força superior). Além disso, essas metáforas desempenham importantes funções ideológicas. Elas servem para dizer que ninguém sabe nada sobre a atual crise financeira mundial; servem para atribuir a culpa a causas externas e incontrolláveis e, assim, desculpabilizar as políticas e os sistemas financeiros e económicos do mundo ocidental; e servem ainda para destacar os aspectos perversos e ocultar os aspectos benéficos das economias de mercado livre, e deste modo elas servem para a catarse económica ou para a promessa da mudança radical.

Os estudos de caso brevemente apresentados nesta seção permitem algumas conclusões intermédias. Primeiro, não há conceitos universais. Segundo, a experiência corpórea tem uma componente cultural. Consequentemente, os *modelos cognitivos* são formatados por *modelos culturais*. Teórica e metodologicamente, o conceito tipicamente cognitivista de *corporização* (“embodiment”) deve ser complementado com o não menos importante conceito de *situacionalidade sócio-cultural*. Uma implicação de maior alcance é a própria compreensão de *cognição*: de uma perspectiva puramente interna da “cognição como cérebro”, com a primeira geração das ciências cognitivas, e mais tarde da perspectiva experiencial da cognição corporizada, passa-se agora a entender que (i) a cognição é *situada*, já que a atividade cognitiva tem sempre lugar num contexto sócio-cultural; (ii) a cognição é *distribuída*, pela repartição do esforço cognitivo entre dois ou mais indivíduos e entre eles e os seus instrumentos cognitivos; e (iii) a cognição é *sinérgica*, como atividade de colaboração entre indivíduos, não só sincrónica, mas sobretudo sócio-histórica, cujos mecanismos são a imitação e os recentemente descobertos “neurónios espelho”.⁴⁵ Finalmente, a perspectiva cognitiva da

⁴⁵ BERNÁRDEZ, Enrique. “Intimate enemies? On the relations between language and culture”. In: Augusto Soares da Silva, Amadeu Torres & Miguel Gonçalves (eds.), *Linguagem, Cultura e Cognição: Estudos de Linguística Cognitiva*, Vol. I, Coimbra: Almedina, pp. 21-45, 2004; BERNÁRDEZ, Enrique. “Social cognition: variation, language, and culture in a cognitive linguistic typology”. In: Francisco J. Ruiz de Mendoza & Sandra Peña Cervel (eds.),

linguagem tem que ter em conta as especificidades culturais e históricas dos significados das palavras e construções.

5. O significado na sociedade e no discurso: estereótipos, normas semânticas e variação lectal

Pensamento e linguagem existem em mentes individuais, mas constroem-se na interação social. A conceptualização é, pois, necessariamente interativa: os nossos conceitos, os nossos significados, as nossas ‘realidades’ são produto de mentes individuais em interação entre si e com os nossos contextos físicos, sócio-culturais, políticos, morais etc. As categorias linguísticas constituem-se por abstração e convencionalização a partir de *eventos de uso*, isto é, instâncias atuais do uso da linguagem. Consequentemente, faz parte da base conceptual do significado de uma palavra ou construção qualquer aspecto recorrente do contexto interaccional e discursivo.

Qualquer língua é um *diassistema* social e o conhecimento semântico é desigualmente distribuído pelos membros de uma comunidade linguística. Temos então que abandonar a ideia chomskyana de comunidades linguísticas homogêneas, com falantes-ouvintes que conhecem perfeitamente a sua língua. Segundo Putnam⁴⁶, a *divisão do trabalho linguístico* assegura a existência de especialistas que sabem, por exemplo, que a água é H₂O. Por outro lado, os indivíduos não-especializados conhecerão o *estereótipo* de água, tendo assim a informação de que a água é uma coisa natural sem cor, transparente, sem gosto, que ferve a 100° Celsius e que gela quando a temperatura desce abaixo de 0° Celsius.

A ideia crucial é a de que existem mecanismos sociocognitivos que garantem a coordenação semântica dentro de uma comunidade linguística e forças que determinam a distribuição de interpretações e, inclusive, permitem alterar a distribuição existente. Combinando a teoria do protótipo, a

Cognitive Linguistics. Internal Dynamics and Interdisciplinary Interaction, Berlin/New York: Mouton de Gruyter, pp. 191-222, 2005; BERNÁRDEZ, Enrique. *El Lenguaje como Cultura*. Madrid: Alianza Editorial, 2008; ROBBINS, Philip & AYDEDE, Murat. *Cambridge Handbook on Situated Cognition*. Cambridge: University of Cambridge Press, 2008.

⁴⁶ PUTNAM, Hilary. “The meaning of meaning”. In: Keith Gunderson (ed.), *Language, Mind and Knowledge*, Minnesota: University of Minnesota Press, pp. 131-193, 1975.

teoria do estereótipo de Putnam e a teoria das normas linguísticas de Bartsch⁴⁷, Geeraerts⁴⁸ identifica três tipos de relações sócio-semânticas: *cooperação*, identificada por Bartsch; conformidade com a *autoridade*, analisada por Putnam; e *conflito*. A *semântica da cooperação* está na base da expansão do significado baseado em protótipos. A *semântica da autoridade* é posta em prática sempre que se esclarecem questões e problemas por deferência a especialistas reconhecidos. Está geralmente em conformidade com a perspectiva de Putnam da “divisão do trabalho linguístico”. A *semântica do conflito* opera quando as escolhas semânticas são implicitamente questionadas ou explicitamente debatidas. Essas três forças sócio-semânticas são fundamentais em termos sociológicos: elas envolvem colaboração, poder e competição, respectivamente.

Essas três forças semânticas proporcionam que uma categoria se desenvolva em diferentes direções. A semântica da cooperação conduz geralmente à expansão das categorias estruturadas com base em protótipos. A semântica da autoridade funciona no sentido oposto, sendo a base da essencialidade e precisificação semânticas. A semântica do conflito ocupa uma posição intermédia, na medida em que a discussão pode levar ora a restringir o campo de aplicação da categoria, ora a ampliá-lo.

A melhor manifestação da dinâmica social do significado é a variação linguística, mais especificamente a variação intralinguística ou variação lectal. (O termo *lectal* designa todos os tipos de variedades linguísticas ou *lectos*: dialetos, variedades nacionais, sociolectos, registros, estilos). A integração sistemática da variação lectal na agenda da Linguística Cognitiva,⁴⁹ a par da investigação cognitiva anterior sobre modelos cognitivos culturais⁵⁰ e sobre

⁴⁷ BARTSCH, Renate. *Norms of Language. Theoretical and Practical Aspects*. London/New York: Longman, 1987.

⁴⁸ GEERAERTS, Dirk. “Prototypes, stereotypes and semantic norms”. In: Gitte Kristiansen & René Dirven (eds.), *Cognitive Sociolinguistics: Language Variation, Cultural Models, Social Systems*, Berlin/New York: Mouton de Gruyter, pp. 21-44, 2008.

⁴⁹ Ver GEERAERTS, Dirk. “Lectal variation and empirical data in Cognitive Linguistics”. In: Francisco J. Ruiz de Mendoza & Sandra Peña Cervel (eds.), *Cognitive Linguistics. Internal Dynamics and Interdisciplinary Interactions*, Berlin/New York: Mouton de Gruyter, pp. 163-189, 2005.

⁵⁰ PALMER, Gary B. *Toward a Theory of Cultural Linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1996; DIRVEN, René, FRANK, Roslyn & PÜTZ, Martin (eds.). *Cognitive Models in Language and Thought: Ideology, Metaphors, and Meanings*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2003.

ideologias sócio-políticas e sócio-económicas,⁵¹ define o objeto da emergente Sociolinguística Cognitiva⁵².

A variação lectal tem uma função socialmente expressiva: marca pertença ao grupo e distância social, dá a conhecer a atitude do falante relativamente ao referente de uma expressão, a sua avaliação da situação de comunicação e as intenções interativas do locutor com o interlocutor. Todos estes aspectos sociais do significado constituem um tipo específico de significado não-denotacional ou não-referencial (em contraste com o significado denotacional, referencial, descritivo ou cognitivo). O significado não-denotacional compreende quatro sub-tipos: *significado emotivo* (de termos pejorativos, por exemplo), *significado regional* (de termos regionais), *significado estilístico* (de termos populares ou eruditos, formais ou informais) e *significado discursivo* (presente em formas de tratamento, por exemplo; significado único em determinadas expressões como interjeições e marcadores discursivos).

Os sinónimos denotacionais, isto é, termos que designam o mesmo conceito/referente – tais como *avançado*, *atacante* e *dianteiro* em relação ao referente ‘atacante’ – configuram a variação onomasiológica *formal*, em contraste com a variação onomasiológica *conceptual*, que envolve a escolha de diferentes categorias conceptuais – tal como *avançado* e *jogador*.⁵³ A variação onomasiológica formal é particularmente interessante do ponto de vista sociolinguístico, na medida em que os sinónimos denotacionais evidenciam diferenças regionais, sociais, estilísticas e pragmático-discursivas e são essas diferenças que motivam a própria existência e competição de variedades de uma língua.

⁵¹ LAKOFF, George. *Moral Politics: What Conservatives Know that Liberals Don't*. Chicago: The University of Chicago Press, 1996; DIRVEN, René, HAWKINS, Bruce & SANDIKCIOGLU, Esra (eds.). *Language and Ideology. Vol. 1. Theoretical Cognitive Approaches*. Amsterdam: John Benjamins, 2001. DIRVEN, René, FRANK, Roslyn & ILIE, Cornelia (eds.). *Language and Ideology. Vol. 2. Descriptive Cognitive Approaches*. Amsterdam: John Benjamins, 2001.

⁵² KRISTIANSEN, Gitte & DIRVEN, René (eds.). *Cognitive Sociolinguistics: Language Variation, Cultural Models, Social Systems*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2008; SOARES DA SILVA, Augusto. “A Sociolinguística Cognitiva: razões e objecto de uma nova área de investigação linguística”. *Revista Portuguesa de Humanidades – Estudos Linguísticos* 13: 191-212, 2009.

⁵³ Ver em GEERAERTS, Dirk, GRONDELAERS, Stefan & BAKEMA, Peter. *The Structure of Lexical Variation. Meaning, Naming, and Context*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1994 um modelo teórico e empírico da estrutura da variação lexical.

A variação onomasiológica formal, da qual a variação contextual é uma parte integrante, é o objeto específico da *sociolexicologia*.

Com base na nossa investigação sobre convergência e divergência lexical entre o português europeu (PE) e o português brasileiro (PB),⁵⁴ vejamos muito brevemente como os sinónimos denotacionais nos podem dizer se as duas variedades nacionais estão envolvidas num processo de convergência ou divergência nos últimos 60 anos. Como hipóteses acerca das relações lexicais entre PE e PB, admite-se (i) uma influência crescente do PB sobre o PE; (ii) influência estrangeira mais forte no PB; (iii) estratificação mais acentuada no PB; e (iv) divergência entre PE e PB. A base empírica da nossa investigação compreende vários milhares de observações do uso de termos alternativos que designam 43 conceitos dos campos lexicais do futebol e do vestuário. Colecionámos os diferentes termos (e suas frequências) usados para designar 21 conceitos de futebol e 22 conceitos de vestuário. Os dados foram extraídos de jornais de desporto e revistas de moda dos princípios das décadas 50, 70 e 90/2000, da linguagem da Internet de conversação *online* de IRC ou *chats* e de etiquetas de roupas de lojas de vestuário. Para medir convergência e divergência entre PE e PB e a estratificação interna de cada uma das variedades, foram utilizadas medidas de uniformidade, desenvolvidas por Geeraerts, Grondelaers & Speelman⁵⁵. Essas medidas fundamentam-se em duas noções: *perfil onomasiológico* ou conjunto de sinónimos denotacionais usados para designar determinado conceito ou função, diferenciados pela sua frequência relativa, e *uniformidade* ou medida da correspondência entre dois conjuntos de dados, definidos em termos de perfis onomasiológicos.

⁵⁴ SOARES DA SILVA, Augusto. “Para o estudo das relações lexicais entre o Português Europeu e o Português do Brasil. Elementos de sociolexicologia cognitiva e quantitativa do Português”. In: Inês Duarte & Isabel Leiria (eds.), *Actas do XX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, pp. 211-226, 2005; SOARES DA SILVA, Augusto. “Integrando a variação social e métodos quantitativos na investigação sobre linguagem e cognição: para uma sociolinguística cognitiva do português europeu e brasileiro”. *Revista de Estudos da Linguagem* 16 (1): 49-81, 2008; SOARES DA SILVA, Augusto, “Measuring and parameterizing lexical convergence and divergence between European and Brazilian Portuguese”, In: Dirk Geeraerts, Gitte Kristiansen & Yves Peirsman (eds.), *Advances in Cognitive Sociolinguistics*, Berlin/New York: Mouton de Gruyter, pp. 41-83, 2010.

⁵⁵ GEERAERTS, Dirk, GRONDELAERS, Stefan & SPEELMAN, Dirk. *Convergentie en divergentie in de Nederlandse woordenschat. Een onderzoek naar kledingen voetbaltermen*. Amsterdam: Meertens Instituut, 1999.

A investigação onomasiológica e sociolectométrica já realizada permite algumas conclusões. Primeiro, a hipótese da divergência entre PE e PB confirma-se no campo lexical do vestuário, mas não no campo do futebol. Os termos de vestuário são mais representativos do vocabulário comum e, por isso, os resultados do vestuário estarão, provavelmente, mais próximos da realidade sociolinguística. A ligeira convergência no campo do futebol será um efeito da globalização e da standardização do vocabulário do futebol. Segundo, não parece haver nenhuma orientação específica de uma variedade em relação à outra: as duas variedades divergem uma da outra no vocabulário do vestuário; a influência da variedade brasileira sobre a variedade europeia no vocabulário do futebol é menor do que o que se esperava. Terceiro, a variedade brasileira muda mais do que a variedade europeia: será esta maior mutabilidade da variedade brasileira o efeito da sua maior complexidade externa, da sua maior variação social ou de um atraso de standardização? Provavelmente um pouco de tudo isto. Quarto, confirma-se que a influência estrangeira do inglês e de outras línguas é maior no PB: a variedade brasileira importa um maior número de estrangeirismos e adapta e integra mais facilmente os estrangeirismos do que a variedade europeia. Finalmente, o vocabulário do vestuário confirma a hipótese da assimetria estratificacional sincrónica das duas variedades, especificamente a hipótese de que a distância entre estrato padrão e estrato subpadrão é maior na variedade brasileira do que na variedade europeia.

6. Conclusões

Os argumentos e as breves ilustrações descritivas sobre o significado lexical na mente, na cultura e na sociedade, apresentados neste estudo, permitem identificar aspectos fundamentais da semântica das palavras e lançam alguns desafios à Lexicologia e à Semântica Lexical.

Em primeiro lugar, os significados das palavras são categorias da nossa experiência individual, coletiva e histórica. Como categorias usadas para dar sentido ao mundo, os significados das palavras são dinâmicos e flexíveis. Essa flexibilidade manifesta-se em efeitos de prototipicidade e na forma de redes radiais e esquemáticas de significados. Ainda como categorias que permitem dar sentido ao mundo, os significados das palavras refletem a nossa experiência de seres humanos e, por isso mesmo, não podem ser separados de outras

formas de conhecimento do mundo. É neste sentido que o significado lexical é enciclopédico e envolve conhecimento do mundo adquirido em interação com outras capacidades cognitivas.

Segundo, a semântica de uma palavra não é um saco de sentidos, mas um potencial de significação prototípica, esquemática e multidimensionalmente estruturado. Os diferentes sentidos de uma palavra relacionam-se entre si através de determinados mecanismos cognitivos, designadamente metáfora, metonímia, especialização, generalização, transformação de esquemas imagéticos e subjectificação. A estrutura polissémica do significado lexical exige não só um modelo radial e esquemático, mas também um modelo multidimensional. Em vez de ligar sentidos diretamente ao protótipo ou entre si, o que configura um modelo bi-dimensional da polissemia, um modelo multidimensional permite descrever como os sentidos se associam pela co-ocorrência de variações semânticas que envolvem várias dimensões ao mesmo tempo. Crucialmente, a estrutura semântica de uma palavra (ou construção) é um espaço multidimensional e a estrutura de uma categoria polissémica é determinada pela co-variação sob várias dimensões.

Terceiro, protótipos, metáforas, metonímias, esquemas imagéticos, quadros (“frames”) e outros mecanismos cognitivos subjacentes ao significado lexical estão *situados* num contexto sócio-cultural. Esta situacionalidade sócio-cultural co-determina o significado lexical. Metáforas, esquemas imagéticos e outros modelos cognitivos têm origens histórica e culturalmente específicas. Quer isto dizer que a corporização experiencial (mentes individuais e processos cognitivos) é formatada pela situacionalidade sócio-cultural. Resultam daqui duas implicações principais. Por um lado, é necessário integrar todos os aspectos sociais do significado lexical, incluindo a variação lectal, a estereotipicidade e as normas sócio-semânticas. Por outro lado, é inevitável adotar uma metodologia empírica e, particularmente, uma metodologia de *corpus* que inclua técnicas de análise multivariacional.

Finalmente, a Semântica Cognitiva oferece hoje um contributo da maior importância para o desenvolvimento da semântica lexical e da lexicologia, justamente porque representa uma forma recontextualizante e maximalista de fazer semântica. Mas para conseguir cumprir integralmente o seu programa, a Semântica Cognitiva terá que integrar mais sistematicamente a situacionalidade sócio-cultural do significado e metodologias de *corpus* quantitativas e

multivariacionais. Afinal, as perspectivas cognitiva, social e empírica têm de deixar de ser inimigas íntimas para se tornarem companheiras de armas.

ABSTRACT

This paper offers a conceptual map of Lexical Semantics and a descriptive illustration with insights taken from some of our lexical and semantic case studies of Portuguese. In the framework of Cognitive Linguistics, we will discuss the conceptual, dynamic and encyclopedic nature of lexical meaning from three interconnected perspectives: meaning in the mind (focusing on the phenomenon of polysemy), meaning in culture (highlighting the cultural specificities of lexical concepts) and meaning in society (showing the social meanings of lexical variation).

KEYWORDS: lexical meaning, Lexical Semantics, Cognitive Semantics

Recebido em: 31/03/2010

Aprovado em: 17/06/2010